



O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filial do Sindicato da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão
Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

FELIZMENTE que fomos ouvidos na reclamação que vínhamos fazendo a propósito da carroça que diariamente fazia os despejos numa sargenta que fica ao tópo da Calçada da Ajuda e que representava um perigo para a saúde.

Ainda bem que fomos atendidos, e só temos a regosijarmos com o facto, que estamos convencidos, se não tornará a repetir.

TEM experimentado algumas melhoras da sua grave doença que o retém no leito há bastante tempo, o nosso velho amigo Joaquim Magro Folgado, a quem sinceramente desejamos um rápido restabelecimento.

— Encontra-se muito doente o nosso amigo e prezado colaborador Fernando Simões, por cujas melhoras fazemos sinceros votos.

NO próximo número, lançaremos um alvitre aos nossos prezados leitores, para o conseguimento da compra do aparelho receitado pelos médicos, á filha do nosso saudoso amigo Alfredo Machado, continuando no entanto, a ser recebidos na nossa redacção, quaisquer donativos, o que muito agradecemos.

NO Ajuda-Club, teve lugar no passado domingo, um atraente baile, que foi abrilhantado pelo «Trio Lusíadas Jazz» e que a Direcção dedicou aos sócios e suas famílias, sendo intenção da mesma, promover grandiosas festas durante o inverno.

NO passado domingo, efectuou-se no Belém-Club, um interessante espectáculo, em que colaborou a apreciada companhia «As Violetas», fechando com um animado baile, que se prolongou até madrugada.

AMANHÃ

Segundo os ultimos informes deve realizar-se *amanhã* uma das mais justas aspirações do povo da freguesia da Ajuda — *Inauguração do Bairro*.

E' prática geralmente adoptada por quem se julga bom português, guardar para *Amanhã* tudo quanto póde fazer-se hoje.

Este hábito, encontra-se tão inveterado no vulgo, que ás vezes, sem medirmos o alcance da frase, respondemos *fica para amanhã*, o que sem dificuldade poderíamos fazê-lo imediatamente.

Um official do exército francês, que antes da grande guerra visitava anualmente a nossa capital, sempre que me encontrava, dizia: *cá estou no país do amanhã*.

¿ Este hábito é privativo dos portugueses?

Não.

O romancista italiano Guido de Verona, escreveu uma novela que intitulou «A vida começa amanhã».

A inspiração do romancista, baseada nos hábitos de muitos dos seus compatriotas, nada tem que ver com os costumes portugueses.

Deixemo-nos de dissertações sobre o *amanhã* e olhemos para o Bairro da Ajuda que se inaugura *amanhã* se o tempo o permitir.

Este *amanhã*, previamente fixado para 28 de Maio, seguiu a rotina dos velhos hábitos, estacionou por horas em 22 para novamente deslisar até *amanhã* (29 de Outubro de 1933) onde fixará a sua estabilidade, se o tempo permitir. E' isto, o que nos dizem os grandes periodicos e a estação radio C. T. 1 A. A.

E' facto para nos regozijarmos, agradecendo o interesse que Sua Ex.^a o Sr. Ministro das Obras Publicas e Comunicações tomou por este malfadado bairro e felicitarmos os habitantes da freguesia da Ajuda, por verem concluídas as obras dos edificios que certamente, mais dia menos dia deverão contribuir para melhorar o estado financeiro das classes menos abastadas.

Os habitantes da Ajuda que no seu pequenino quinzenário encontram sempre o melhor defensor das suas aspirações, quando são de interesse comum, vão ver realzada *amanhã* não a mais importante, mas a mais antiga destas.

Quanto ás outras: água, mercados, esgotos, nivelamento e alargamento da Travessa da Boa Hora, pavimento de ruas e algumas mais, não deixará este jornal de lembrar de vez em quando a quem de direito pertence executá-las ou mandá-las executar.

Esperemos pois o dia de *amanhã* e confiando pacientemente no futuro, o povo da Ajuda assim como este

(Conclue na página 7)

FEZ na terça-feira dois anos que faleceu no Hospital da Marinha, o grande jogador belenense José Manuel Soares (Pepe), que tam querido era não só dos seus companheiros de Clube, como de todo o público entusiasta do futebol.

Volvidos dois anos do triste acontecimento, ainda vive bem na memória de todos, a figura simpática, do pequeno grande jogador, que por vezes tam gallardamente defendeu lá fora, enfrentando os melhores jogadores internacionais, as côres do nosso país, merecendo até as melhores referências nos jornais estrangeiros.

Todos que neste jornal trabalham, relembram com saudade aquele que tantos trofeus alcançou para o seu Clube e pelo qual nutria o maior affecto.

PELO motivo de nos ter chegado tarde, não publicamos no presente, uma crónica do nosso querido amigo e prestimoso colaborador Sr. Alfredo Gameiro, o que faremos no próximo número.

PESSOA que desconhece que são raros os edificios do Estado ou da Camara, que possuem numeros de policia nas suas portas, como o codigo de posturas municipais obriga os proprietarios particulares, diz-nos a proposito da reclamação que fizemos sobre a estremeira existente á porta do n.º 259 da Calçada da Ajuda, que não existe tal número. Podemos afirmar que existe sim senhor; fica elle entre os n.ºs 257 e 261. — E' um portal que tem uma entrada em meia laranja, onde estão as pedras que formavam os pilares do chamado portão da Ajuda, que de ali foram retiradas a quando do assentamento da linha electrica, e que pela posição em que ainda se encontram se prestam a sentina.

E' AMANHÃ que se realiza a grande prova ciclista Lisboa-Salvaterra de Magos, na qual tomarão parte os nossos melhores estradistas. De Lisboa, concorrem á prova os seguintes clubes: Benfica, Sporting e Campo de Ourique.

A Favorita da AjudaDE
ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros
Vinhos recebidos directamente de Arruda**LIBANIO DOS SANTOS**VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

Palácio Nacional da Ajuda**Impõe-se a conclusão desta obra monumental,
facultando-se, ao público, a sua visita**

Entregue a quem do direito, e em tam boas mãos, a petição de reabertura do Jardim Botânico da Ajuda, que já podemos informar que na próxima primavera estará patente ao público aquele lindo recreio; inaugurado em breve com todas as probabilidades de ser habitado em seguida, como há muito pretendíamos, o Bairro de Casas Económicas,volvemos agora os olhos para o Palácio Nacional da Ajuda, «vasta edificação levantada segundo o plano do architecto Fabri e cuja primeira pedra foi lançada em 1802.

Abstemo-nos de fazer a descrição da sua grandeza, porque o valor das suas salas, dos seus quadros e das suas pinturas alegóricas, já foi suficientemente descrito nas colunas deste quinzenário, pelos nossos amigos srs. Alfredo Gameiro e Jorge Pinto.

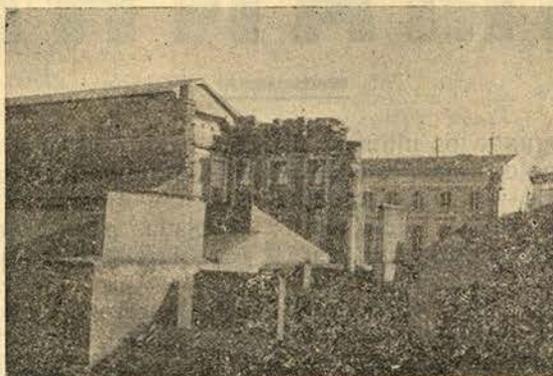
O motivo que nos obriga hoje a falar nêle é para pedir a quem superintende nos Bens Nacionais, que faculte ao público, como museu, já que não lhe dão melhor aplicação, as preciosas obras de arte que êle contém.

A sua interdição, especialmente depois de estar desabitado, como está, há 23 anos, não se com-reende; é uma anomalia.

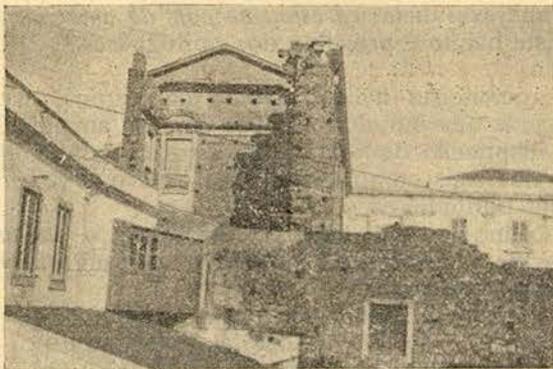
Guia de Portugal, excoelente edição da Biblioteca Nacional de Lisboa, diz na página 388, que o Palácio é visível mediante autorização especial do Director Geral da Fazenda Pública, mas isso não é suficiente; nem todos têm influência social para se acercarem de tão alta individualidade, ou feito para pedir.

Nós, por exemplo, que aqui vivemos há mais de 40 anos, e que, individualmente, somos um dos maiores

contribuintes da frêguesia, pois que pagamos annualmente mais duma duzia de contos de contribuição industrial, isto é, do trabalho que produzimos, o



Vista do lado norte



Vista do lado poente

que de certo modo nos devia dar o direito de poder admirar, ao menos o Patrimonio Nacional, ainda não tivemos essa permissão.

Talvez porque nunca dispuzemos de influência social, e porque somos muito rebeldes a pedir, acreditamos. Mas como nós, há tantos outros!

Após a implantação da República, pensaram em expô-lo ao público, como

museu; chegaram até a admitir um alfaiate para manufacturar os fardamentos para os seus guardas, mas com a ausência do Dr. Teixeira de Carvalho, tudo ficou sem efeito; e ali está abandonada aquela obra grandiosa, sem utilidade para ninguém.

Muitos estrangeiros, (aqueles que não vêm acompanhados de cicerone está claro) depois de visitarem o museu dos coches, em Belém, que contém raridades que só nós possuímos, vêm até á Ajuda, para ver o seu palácio, que mesmo ao estrangeiro tem fama de coisa grandiosa, mas têm que se contentar em admirar a sua frontaria, a do lado nascente, bem entendido, que é soberba, porque do lado norte, sul e poente, está como os nossos presados leitores (se temos alguns) estão vendo nas fotografuras que apresentamos. Ora isto é uma vergonha que não pode continuar.

Dizem-nos que o Governo está no propósito de concluir, ao menos, aquele quadrado que, parecendo estar em ruínas, está é inacabado. Não é tudo, porque a planta completa do edificio, compunha-se de duas vezes mais o que mostra actualmente, mas já é alguma coisa, é mesmo muito.

Com isso daria trabalho a muitos operários desempregados, desenvolvia as indústrias, e dava um grande exemplo de boa administração, concluindo um edificio que se impõe, e que pode ter muita utilidade.

Como a época vai de realisações, é possível. Oxalá que sim.

Francisco Duarte Resina.

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mas} Srs. Drs.VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA - 4^{as} feiras ás 9 h
FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno às terças-feiras

Calçada da Ajuda, 222 - LISBOA - Telef. B. 456

D E S P O R T O S

Foi suspenso o conflito da bola. Vai começar o campeonato de Lisboa

Ora ainda bem que o já boje famoso conflito do *foot-ball*, filho legítimo de outro que ainda não houve tempo de esquecer, vai ter o seu termo. A acreditarmos no que a grande imprensa noticia, os clubes do Barreiro, agora naturalizados lisboetas, fizeram o favor á rapaziada da bola de esquecer os seus «direitos» até á conclusão final do assunto, o qual final há-de ser resolvido pelo tribunal administrativo, em última instância. Está pois levantada a interdição de jogar a bola em Lisboa, com o que folga muita gente, habituada desde pequenos a gozar o espectáculo dominical de um bom desafio, com muito «pinhão» e muita algazarra, para animar as artes. Prevê-se portanto razoável enchente nos campos de desporto, com o que deliraram os tesoureiros das colectividades que disputam o campeonato da divisão de honra, asserbadas com o recente aumento de salário aos seus «desportistas»...

Voltando, porém, ao principio: não é de admirar que os clubes barreirenses tanta força façam em continuar jogando em Lisboa. Tal attitude deve resultar das promessas feitas oportunamente, quando do célebre conflito Associação-Federação, de tam tristes recordações e conseqüências. Creio bem que, se os citados clubes aceitaram vir participar no campeonato al-

facinha, souberam rodar tal resolução com as garantias necessárias, baseadas na estreita solidariedade dos clubes da capital, em caso de reviravolta na situação desportiva. A mutação deu-se agora.

A Federação, não já sem tempo, resolveu «repatriar» os «exilados», dando assim razão á Associação de Setúbal, cujo campeonato perdeu todo o interesse com a saída dos clubes do Barreiro.

Tiveram a palavra os clubes de Lisboa. Honra lhes seja feita, souberam cumprir os seus compromissos e deram a sua solidariedade ás «vítimas do bom senso».

Como a Federação, porém, não deixou o seu prestígio por mãos alheias, houve que cumprir as suas determinações. Daqui seguiu a questão para o tribunal, e espera-se a sua decisão para então se arrumar definitivamente esta complicada questão.

Há ainda outra razão determinante da teimosia posta em defender a posição adquirida na divisão de honra. As receitas conseguidas em Lisboa devem ser de longe superiores ás conseguidas no distrito de Setúbal. Logo, fica perfeitamente compreendida a attitude dos clubes barreirenses e — que diabo! — bem humana ela é, temos de concordar...

Há porém um argumento que aqueles

que foram desencaminhar os clubes do Barreiro á sua terra apresentaram, para justificar o seu acto, e do qual, nós, pela nossa parte, confessamos não ter dado pela realização. Dizia-se então que a participação do Luso e do Barreirense no campeonato de Lisboa viria movimentá-lo, aumentando-lhe o interesse e atraindo por consequência a affluência do público. Confessemos aqui á puridade: houve jogos dos clubes citados, e por sinal um tanto numerosos, em que o público rareou tanto, tanto, que a guarda republicana e a policia foram absolutamente desnecessárias. Algumas vezes, se calhar, houve que recorrer a bolsa particular para lhes pagar, e também aos porteiros.

O que resultou da vinda dos da outra margem para Lisboa, e isto, sim, é que toda a gente verificou, foi o facto de o campeonato se prolongar indefinidamente, o que fez com que alguém o apelidasse, e com razão, de «campeonato da légua da Povoá».

Ora vamos lá a ver quando é que o Todo Poderoso se lembra de exportar um pouco de bom senso para uso exclusivo dos dirigentes do *foot-ball* cá da terra.

Lucas Júnior.

CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Iniciou no passado número em «O Comércio da Ajuda», a sua colaboração, o nosso querido camarada Carlos José de Sousa, que foi durante anos, director de um importante diário da capital.

Que seja bevindo o amigo de tantos anos, a quem enviamos um grande abraço.

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em corticite, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas

Canalizações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

Os bons vinhos da Região de Mafra:
Cheleiros, Carvalhal, etc.

MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

Calçada da Ajuda, 212 a 216

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Calçada da Tapada, 47 a 53

Largo 20 de Abril (Calvário), 1

Instalações electricas
a Prestações - Executa

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações, Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552
onde serão atendidos com a máxima urgência

Se queiris fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Merceria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxíma seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

DIVAGANDO...

O sono ataca-me. Fecham-se-me os olhos e reconheço que vou adormecer.

Tocam os sinos na torre da igreja. O adro está repleto de aldeões que envergam trajes domingueiros. Aqui e acolá grupos de cachopas, buliçosas e garridas, riem e conversam animadamente. Anda no ar um tom alegre, misto de curiosidade e expectativa. A porta da igreja, que regorgita de fiéis, acotovela-se o povoão abrindo alas e disputando entre si o melhor lugar, para enxergar a saída do desfile nupcial dum parzinho que ajoelhou e se foi casar. Duas vidas que se enlaçam. Duas bocas sonhadoras que se unem. Dois corações, transbordando amor, para quem a estrada ingreme da vida é ainda a desejada terra da promessa.

Lá vêm eles! Lá vêm eles! gritam a um tempo várias vozes. Simultaneamente toda aquela mole de gente se agita, comprime e empurra violentamente como se a tivesse impellido gigantesca e invisível mola. Constatam-se o silêncio das grandes ocasiões e verifica-se que o momento é de ávida curiosidade. Surgem os noivos á porta

do templo. São jovens, simpáticos e elegantes. Vestidos irrepreensivelmente e de altura igual parece terem sido talhados um para o outro. Caminham trémulos e não conseguem dissimular a comoção que a sua palidez patenteia. Sorriem felizes e agradecem, deliciosos e confusos, as felicitações e cumprimentos de saudação de que são alvo. Seguram o véu da noiva duas crianças, lindas e graciosas, vestidas com donotado gosto. Mais atrás seguem os padrinhos que paraninfaram o acto, família dos noivos, convidados, etc. De entre a multidão que ansiosamente os espera destacam-se agora guapas moçoilas que, rápida e inesperadamente, espargem sobre os nubentes uma chuva de pétalas de rosas brancas de fino e agradabilíssimo perfume. Minutos impressionantes e verdadeiramente apoteóticos.

Ouvem-se ruídos de motores, e uma condute luxuosamente estofada aproxima-se. Os noivos instalam-se e aguardam que a comitiva tome lugar noutros carros. O carro nupcial é rapidamente rodeado pelos mais curiosos, e alguns inatúlões comentam, em áparte e maliciosamente, o enlace e as qualidades físicas dos nubentes. Movendo-se muito a custo, amparada

a um varapau, aproxima-se uma velhinha com a cabeça encaneada e vergada ao péso dos anos. Pelo rosto enrugado e trigueiro correm-lhe duas grossas lágrimas. Num supremo esforço o visivelmente emocionada debruça-se na portinhola do carro nupcial e atira aos noivos um beijo nas pontas dos dedos.

Há quem chore com saúde e lá também quem ria com esperança.

Põe-se finalmente, em marcha o luzido e aparatoso cortejo.

Entretantes, o rapazio faz subir ao ar foguetes que estrelajam com fragor, os sinos repicam festiva e sonoramente, uma banda toca uma marcha nupcial de autor desconhecido, toda a gente se atropela e não há ninguém que não corra, inclusivamente eu que, para encurtar uma curva do caminho que o cortejo vai seguindo, me lanço num arriscado salto.

Acordo sobressaltado com fortes dores no corpo e uma violenta pancada na cabeça. Verifico que, a soubar e enovelado na roupa, caí da cama abaixo!...

Luiz M. Simões.

Este numero foi visado pela
Comissão de Censura

Farmacia

SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefom 8. 329

Consultas

pelos Ex. = Irs. Drs.

CARRILHO XAWER

Partos, Doenças das senhoras, Clinica Geral

TODOS OS DIAS

das 11 a 12 h.

MEDINA DE SOUZA

Coração Pulmões Clinica Geral

TODOS OS DIAS

das 17 a 19 h.

Serviço nocturno ás quintas-feiras

MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 - LISBOA

Nesta casa tambem se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)

A Peste Branca

A tuberculose é um dos males que causa maior mortalidade nos individuos, daí portanto a razão porque passaram a designá-la por peste branca, embora abundem as opiniões de ser uma das doenças mais curáveis quando atacada a tempo.

Prescreve-se, afim de evitar o contágio ou a sua propagação, o máximo cuidado com todos aqueles cujos pais, ou parentes, hajam morrido contaminados pela terrível doença — a tuberculose, ao mesmo tempo que se applica a resistência do agente mortifero, o bacilo de Kock, que pode viver durante muito tempo ao ar livre, motivo suficiente do perigo em se escarrar para o chão, porque os escarras, secando, contêm bacilos, os quais se misturam nas poeiras que diariamente absorvemos em casa, na rua ou nos lugares de trabalho.

Se reconhecemos que a A. N. T. tem procurado na medida do possível evitar que o mal frutifique e prossiga, também entendemos que a sua acção tem de ser mais vasta, estender-se, alargar-se no ambiente corrompido e atacar o mal duma maneira geral e profunda.

As condições higienicas da população requerem uma observância rigorosa. São elas que dão o maior con-

tingente de victimas á foice roçadora da Morte! E se olharmos que a grande parte dessa população vive, vegeta em pardieiros infectos sem luz nem ar, onde faltam as mais rudimentares condições de higiene, limpeza, conforto e salubridade, nada nos admira da elevada percentagem de tuberculosos nas camadas populares.

As crianças — ramos tenros, a futura árvore produtora da riqueza social do país — andam ao acaso, falhas de alimentação do estomago e do espirito, corrompidas pelo meio viciado, definhadas e raquíticas sem os recursos dos exercicios físicos necessários ao seu desenvolvimento, e assim naturalmente predispondo-se para receber e transmitir os elementos primordiais da peste branca.

Além de outros factores importantes de profilaxia, uma obra urgente se impõe, como medida salutar e de elevado alcance social; a demolição de todas essas barracas-poeilgas, que infestam os bairros de Lisboa, mas á sua extinção deve correspondr, como aliás é justo e humano, o alojamento das respectivas familias em habitações convenientes.

Se assim não fôsse, dar-se-ia o caso, como ainda há pouco se verificou numa demolição de barracas — e neste pe-

riodo de tempo é confrangedor pensar na situação dos que ficam sem buraco para se recolher e guardar os tarefas — aqueles que ali *viviam* ficarem á mercê das intempéries!

Se é de erer que todo o individuo tem uma tendência natural para melhorar as suas condições de vida, isto é, procurar o seu bem estar, e é essa a única força que o conduz a condenar o mal existente, e aspirar a uma maior soma de comodidades.

«O papel da hygiene social — segundo o dr. Albert Malhieu — é proteger ao mesmo tempo o individuo nas colectividades e defender estas colectividades contra os perigos de doença que os ameaça».

No dia em que as condições sociais dos individuos alcance o nível da vida justo e equiparado de forma a satisfazer as suas necessidades mais urgentes, o flagelo da peste branca não terá terreno preparado para se desenvolver.

C. J. Sousa.

ANTONIO DUARTE RESINA

Realizou-se ante-ontem a trasladação dos restos mortais deste bemquisto comerciante, que durante 27 anos exerceu a sua profissão nesta freguesia.

De seus filhos, recebemos vinte escudos, para dois orfãos mais infelizes do que eles.

ISTO que vai lêr-se podia ser conto ou novela curta directamente tirada da fantasia. Mas não. O que vai lêr-se, se alguém for tão perdulário de tempo e paciência que lhe conceda cinco minutos de atenção, é conto, sim, mas extrado de facto verdadeiro e, além de verdadeiro, verosímil — tendo a corroborá-lo séculos de factos semelhantes. Foi a povoação de Moura, no concelho da Régua, na provincia de Trás-os-Montes, o seu teatro. E foram-lhe cenário as quebradas heráldicas do Minho licoroso, do *Port-Wine* que dali é natural, que ali nasceu, ali se criou e dali parte para as copas dos reis e as viagens dos marcos.

Vamos ao caso — nova confirmação da sentença popular de que *quem mata com ferro, com ferro morre*, ou da sentença do Apocalypse, que diz no capítulo III: — Aquelle que matar á espada, importa que seja morto á espada.

ABEL E CAIM

Por SOUSA COSTA

Quem mata com ferro, com ferro morre.

Em Moura, minúsculo povoado nas abas das colinas alterosas do rio Douro, em Tráz-os-Montes, onde a nua de esta fidalga se orgulha de dons e virtudes singulares, viviam sob o tecto comum dois irmãos remediados em teres e haveres — o mais velho chamado António, Joaquim evidentemente o mais moço.

Em certo dia, por influencia de ciúmes insofriçós ou interesses pecuniários, os dois irmãos desirmanaram-se. Passaram a afastar-se com repugnância e a olhar-se com ranço. Até que em triste momento de grande exaltação, romperam um contra o outro, e o António matou o Joaquim tal qual como o Velho Testamento, na segunda geração da humanidade contada e historizada no Génesis.

Não é preciso dispôr da imaginação dramática de Dante ou Shakespeare para evocar, nas suas linhas convulsas, a hora de espanto, de terror e de revolta que a repetição do primeiro sangue bíblico levou ao pequenino e calmo povoado — povoado de usos e costumes tão simples no sabor, tão ignais no correr dos lustros, que o seu Janeiro só se distingue do seu Junho pelos diversos registos do sol e pelos diferentes mimos dos pomares, este daquele ano pela abundância ou qualidade das colheitas.

Houve os prantos públicos da obrigação. Como sempre exaltaram-se as virtudes do morto e avultaram-se os defeitos do matador. E a familia dos dois discutidos personagens contras da tragédia, duplamente ferida no coração — pela saudade e pela vergonha — chorou a ocultas a desgraça irreparavel.

Entretanto o assassino, o António, em vez de fugir, procurando em terras de Espanha a passagem clandestina

aos portos do Brasil — azilo longínquo contra a vara das justicas regulares — foi apresentar-se ás autoridades, justas as suas dearações, recolheu á cadeia para o julgamento.

Toda a familia o repouara tácitamente, lanceada no amor devido ao morto, exovahlada na dignidade mantida com apromo.

Só a mãe, que perdêra um filho no cemitério, ao saber do António na cadeia começa a doer-se da perspectiva angustiosa de perdido outro filho na Penitenciária: — aquelle seguindo a marcha subterrânea da transformação da matéria em seivnutriente, em fibra vegetal, talvez em flor e em beleza; que a trilhar a via infamante aberta ao seu passo criminoso, pelo Código Penal, de mau a passar a péssimo, de homem feroz a fera bruta.

O seu filho na cadeia á vila, entre a malta fétida dos presos comuns, sem diubrio, sem protecção, á certa com fome — na repugnância aceitar o caldo e o rancho dos criminosos seus companheiros!

Não como, não dorme, não soega, sob o ferro em brasa da idea mortificante, resolve falar ao marido na situação do desgraçado. Custe-lhe fazê-lo — mas custa-lhe mais não o fazer.

— Han? — brama o marido, hirto de assombro e de furor aos seus termos preambulares de misericórdia. — Então tu... tu já esqueste o que esse monstro fez contra o nosso Joaquim? Não! Esse não é nosso filho. Nosso filho... era o que estuo no cemitério!

E desandou a largas pesadas. E não quiz ouvir falar mais do encarcerado.

Não era seu filho! — Grou-se a considerar a pobre Mater Dolorosa, a palavra estrangulada na garganta, a dôr a extravar-lhe dos olhos. Era seu filho, era, que lá

estava o coração a dizer-lho, e mais do que o coração, as entranhas ainda lembradas de quando lhe foram beryo, os seios para sempre saudosos de quando lhe foram alimento. Ele levantára-se contra o infeliz irmão, que morrera sob o seu braço armado. Mas o infortúnio d'este não era alivio para o outro. E a éste queria-lhe como nunca... desde que o sentia na desgraça, desde que o sabia no abandono.

— Meu Deus! Perdoai-me, se peço! — pedia, suplicava, mãos postas, olhos turvos, coração amarfanhado.

Não podendo mais com aqueles transeis, põe-se fora do leito, numa manhã clara de outono, muito cedo, a estrela de alva ainda no céu a ensinar o caminho ao Sol, o maior dos Reis Magos do Oriente, e mete na rota da igreja. Vai aconselhá-lhe com o senhor abade — que fala por elle e por Deus. Encontra-o já na sacristia penumbrosa, a parlamentar-se para a missa das almas. Está sózinho na quadra, pois o sacristão acende os lumes votivos no altar do sacrificio.

— Senhor abade! arremete, a meia voz, mais envergonhada e confusa do que se fôsse acusar-se peccadora. — Que deseja a senhora Elvirinha? Quere-se confessar?

— Quero. Mas já, se faz favor... — desafoga.

Seguem direitos ao confessional, elle com a alva sob a garrucha, ela com o chale a cobri-lhe a cabeça. E, cumpridas ás regras preliminares do ritual, a senhora Elvirinha confessa o peccado do seu amor ao filho fratricida, e pergunta se Deus a não castigará por lhe querer acudir.

— E' natural... murmura o senhor abade, comovido, — O que morreu era filho. Este filho é...

— Mas o meu homem diz que não devo...

— Ora, o seu homem! O seu homem é pai. A senhora é que é a mãe...

— Eu queria levar-lhe de comer. Tê-lo num quarto decente.

— Sim, sim. Vá, vá. Deus até há-de gostar, que é pai de misericórdia.

E ai vai ela no trilho da casa, o coração meio descarregado do péso que o oprimia, até mais leve do passo antes vacilante, a deitar contas ao pé de meia da arca velha, a desencantar pretexto para chegar sózinha até á vila.

O certo é que, dois dias transcorridos, o António já não está na primitiva enxovia, em promiscuidade com a malta dos presos. Já disfruta quarto á parte e cama lavada. Já lhe dão roupa limpa e comida de hotel. Mais — já tem quem o visite na cadeia, quem lhe patrocine a causa no tribunal.

E são tais e tantos os milagres de repente operados em torno do rapaz, as influencias politicas a mexerem-se, êle a alegar que procedera em legitima defesa, que o juri criminal da Regoa o absolve e o põe na rua.

(Conclue na página 7)

Nova Padaria Taboense

DE

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

R. das Mercês, 116 a 128 — SUCURSAIS: T. Paulo Martins e Largo da Paz
TELEF. B. 656 — AJUDA — LISBOA

Favorita Ajudense

DE

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fazoleiro, Retrazoero, Rooparia e Gravetaria
Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

O labor antidoto do aborrecimento

Há quem erradamente julgue que um viver plácido, levado sem a precisa energia indispensável para desafiar os óbices que a própria vida nos reserva, predispondo à inércia, ao abandono e à inactividade, possa ser de vantagem para alguém, beneficiando-lhe a existência.

Puro engano. Quem tiver numa vida de calma ociosidade a apatia da indiferença pelo que o cerca e se entregar exageradamente á necessidade do indispensável repouso absoluto, colhe pela certa o mais desastroso fim a que o conduz por fraqueza o seu critério comodista, moldado ou, melhor, guiado por essa debilidade moral.

E tão certo é isto que a cada passo se encontram pessoas mergulhadas no estado penível do aborrecimento, que tanto pode ser o da fórmula elegante do fastidioso *spleen* como o do apólo pitoresco e rasco da maçada, que o povo designa com o epíteto algo incorrecto pela desagradável sonorância da palavra que melhor define esse estado.

Mas; a toda a espécie de aborrecimento se lhe pode e deve opôr a distração precisa para lhe anular, ou pelo menos diminuir os seus perniciosos efeitos.

Essas distrações são várias, segundo o individuo, as causas determinantes desse estado, o grau de cultura mental, a sensibilidade no sentir e também o grau de abatimento. Além dos diferentes motivos do aborrecimento que se experimentam. Para uns é um acidente raro e passageiro, para outros uma circunstancia frequente, tão efectiva que mesmo se pode transformar em abatimento crónico.

Neste estado penível não se toma gosto por nada, os factos e as pessoas desinteressam-nos, não se encontra o menor estímulo, tudo se acha monótono e as occupaões habituais transformam-se em estopantes incomodos.

E' especialmente, aos casos desta ordem que se deve opôr uma mais enérgica e forçosa reacção para anular este estado mórbido da alma, porque todo o ser que se aborrece dá um rendimento moral, intelectual e social muito inferior áquele que poderia fornecer normalmente, perdendo assim uma grande parte do seu valor humano.

Resulta desta leve análise, observada por mim próprio que, cada qual, tem o indiscutível dever de lutar contra este mal que deprime escolhendo as distrações que melhor convenham para afastar de si a depressão moral que, prejudicando o próprio individuo vai ainda incidir por reflexo nas demais pessoas com quem priva e que aliás, não têm nada a ver com a debilidade moral de quem os incomoda.

Alexandre Settas.

ESPERANTO

A «Liga dos Esperantistas Ocidentais», iniciou na «Sociedade Dramática Familiar Instrução Ajudense», uma interessante exposição de postais de vários países, obras de literatura, ciências e imprensa internacional.

Durante as noites da exposição, que termina amanhã, realizaram-se concertos pela T. S. F. e conferências por alguns elementos esperantistas.

Foi deveras interessante esta iniciativa, que muito enobrece os seus organizadores a quem muito felicitamos, incitando-os a que prossigam na sua humanitária cruzada.

Caminho de Ferro de Cacilhas a Caparica

Está aberto concurso para a adjudicação da construção de uma linha ferrea por tracção mecânica e respectiva exploração, para transporte de passageiros e mercadorias, que partindo de Cacilhas, se dirija á Costa da Caparica, servindo Almada, Pragal, S. Lourenço, Banática, Pôrto Brandão, Lazareto e Trafaria, na extensão total de 16 665 metros, e ramal para a Cova do Vapor.

E' um melhoramento importante, que muito irá beneficiar as populações servidas por aquele ramal.

Junta de Fréguesia da Ajuda

Da Comissão Administrativa da Junta de Fréguesia da Ajuda, recebemos o seguinte officio:

Ex.^{mo} Senhor Director do jornal «O Comércio da Ajuda». Ajuda — Lisboa. — Com referência a um artigo acêrea do Jardim Botânico, publicado no n.º 53 do jornal da proficiente direcção de V. Ex.^a, que hoje me foi presente, venho informar V. Ex.^a de que esta comissão administrativa em Maio e Junho de 1932, e em Abril do ano em decurso, não só fez saber ás estações competentes (incluindo o Ministério da Instrução), o estado de ruina em que se encontrava o referido Jardim, como lhes pediu com muito interesse reparações e beneficiações urgentes.

E se aos leitores de «O Comércio da Ajuda» interessarem pormenores sobre o assunto, inclusivé a resposta dada então a esta comissão administrativa pelo Ex.^{mo} Sr. Director do Instituto Superior de Agronomia, poderá V. Ex.^a ou qualquer delegado do jornal obter-os pessoalmente do sinatário, em qualquer dia útil, das 11 ás 14 horas, na sede da Junta.

Pela publicação do presente officio apresentado a V. Ex.^a, com os protestos da minha consideração, os agradecimentos desta comissão administrativa. A Bem da Nação, Lisboa e Sede da Junta de Fréguesia da Ajuda, aos 25 de Outubro de 1933. O Presidente, Francisco de Assis Lamas Moreira.

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO
Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes
Fornecedor de materiais de construção
TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 100

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA
TELEFONE BELEM 56

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, a preços razoáveis

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}

PADARIA
Fornece pão aos domicílios

55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16
TELEFONE BELEM 520

CONSTRUCTOR CIVIL

Inscrito na Camara Municipal de Lisboa

PROJECTOS E ORÇAMENTOS

Rua da Bica do Marquez, 5 — Ajuda

José António Rebelo de Avelar

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado. — Ferragens. — Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de ferro fundido e laminado. — Ferragens para construção e marcenaria. — Oleos, gazolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 — Telef. B. 83

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

DROGARIA SANTOS

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende

Drogas, produtos quimicos, tintas
de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

A CAVALARIA
na idade média

A cavalaria foi nos tempos medievos a instituição feudal mais famosa, uma espécie de confraria militar e religiosa, constituída em regra só pelos nobres que se comprometiam a pegar em armas só para defesa da religião, da pátria e ainda para proteger os fracos e os oprimidos.

Fundou-se no século XI e entrou em decadência no século XII por os cavaleiros se terem afastado dos seus fins, entregando-se a aventuras e ao cumprimento de votos extravagantes em honra das damas.

Eram escolhidos entre os nobres, êsses homens valorosos, cujo ardor guerreiro e excelência de carácter lhes sugeria o dever de colaborar na grande obra. Logo no seu início, êstes eram submetidos a determinadas provas, após as quais lhes era concedido o grau de cavaleiro. Esses nobres que pretendiam fazer parte da cavalaria deviam submeter-se a cerimónias solenes, de carácter mundano e principalmente religioso, na qual prestavam juramento de combater os infiéis e defender os fracos e os oprimidos.

Para êles era como que sagrada a frase latina «Decorum est pro patria mori» que êles se comprometiam não esquecer nunca, fôsse qual fôsse o perigo em que se debatesses.

A idade exigida para se poder ser armado cavaleiro era de 20 anos, antes porém de completar essa idade, os filhos dos nobres recebiam uma aprendizagem. Aos 7 anos entravam como pagens, no castelo do soberano; aos 14 passavam a ser escudeiros, recebiam uma espada e partiam por toda a parte, dentro ou fora do seu reino, em busca de aventuras generosas que puzessem em prova a sua heroicidade, isto é, que o tornassem digno de ser armado cavaleiro. Contudo, a vitória para êles nunca os convertia em crúeis opressores dos vencidos,

antes e sempre no culto fervoroso da exaltação, exerciam leal e pundonorosamente os mais generosos actos, considerando os seus verdadeiros inimigos com o máximo respeito.

As qualidades essenciaes do cavaleiro deviam ser três: bravura, fidelidade e lealdade. O papel da cavalaria medieval no que liz respeito á sua exaltação no amor, é verdadeiramente assombroso. Esse sentimento tão terno, base primordial á constituição da fidelidade, aliás desinteressado e purissimo, era o seu maior e mais grato fanatismo. Para êles, um sorriso terno e leve da mulher idolatrada, era considerado como a recompensa generosa de milhares de sacrificios e dedicações de toda a especie.

(Continúa)

Mihernia.

AMANHÃ

(Continuado da 1.ª página)

quinzenário, aguardam anciosamente a conclusão de todas as obras imploradas desde há tempos, com bastante instância.

Resta-nos uma pergunta:

¿Quando estarão concluidas todas as obras reclamadas?

Amanhã.

Melo Miguéis.

AGRADECIMENTO

Jorge Diniz Farinha, sua mulher e filhos, João Alves e sua mulher, e mais família, cumprem por êste meio o dever de agradecer a todas as pessoas que se interessaram pela doença de sua saudosa filha, irmã, sobrinha e prima, a menina Maria Luiza Alberto Farinha, bem como a todas que se digearam acompanhá-la á sua derradeira morada.

ABEL E CAIM

(Continuado da página 5)

Isto ocorreu há uns poucos de anos. E como não há mancha ou estigma que o tempo não dilua e os costumes não apaguem, o António, na última Pascoa, foi proclamado oficialmente noivo da mais linda e da mais rica herdeira dos sitios.

Aprazado o casamento para as vésperas do próximo Natal, o noivo quiz olenizar o ajuste definitivo das bodas com uma festa rija em casa dos pais.

Assim o decidiu e assim o pôs em acção — Setembro em meio, as uvas já maduras nas videiras, as encostas altares afomoseadas por todas as galas da natureza para o *Te-Deum laudemus* das vindimas e das lagaradas.

Concorrem á festa amigos e conhecidos. As violas e os cavaquinhos cantam ao desafio as variações da *Caninha Verde*. Os pares enlaçados rodopiam nas salas ás voltas da dança popular. O vinho aloira o vidro fosco dos copos. O doce afaga o sófrego paladar dos gulosos.

A certa altura da noite, o António chama um amigo ao quarto, abre a gaveta dum movel e mostra-lhe a sua pistola nova. O amigo deixa-o sair do quarto e, por brincadeira, abre outra vez a gaveta, tira a pistola e mete-a no bolso.

A festa do noivado está no fim. A madrugada anuncia-se no rubor da montanha fronteira, cujos cabeços começam a corar-se de luz. Os convidados saem na direcção dos lares. O António prepara-se para acompanhar a noiva.

— A pistola? — pergunta a si próprio ao procurá-la na gaveta, ao encontrar a gaveta vazia.

E, lembrando-se logo do amigo a quem a mostrara, que por certo lha levára no fito de o intrigar, de maneira nenhuma na intenção de o roubar, pede licença á noiva e corre atrás do camarada.

— Ah! Foste tu! Eu logo vi.

Pede-lhe que lha restitua. O outro, ainda por brincadeira, rindo e chasquando, nega-se a entregar-lha. O António está com pressa, que tem a noiva á espera. Insiste pela restituição. Da insistência passa á imposição.

— Pois se te zengas, já não é hoje que ta dou.

— Dás! assevera, de súbito, irado.

Lança-se contra o amigo num rompante de leão. O amigo apara-lhe o embate, sacode-o sem rancor. Mas vendo-o levar a mão ameaçadora ao bolso, no medo da arma assassina que prostou o Joaquim, alça a pistola, aponta-lha ao peito e desfêcha á queima-roupa.

O António cambaleia, tenta manter-se de pé, caminha com rumo a casa. Dez passos andados, porém, apesar de amparado por conhecidos e amigos que surgem da direita e da esquerda — vai tombar, e soltando o ultimo arranco, precisamente no local em que quatro anos antes caíra morto o irmão.

A mãe, essa, á noticia do sucedido, morreu nos braços da noiva do filho, de síncope cardíaca.

E digam lá que não há justiça imanente!



A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L. DA

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo, tais como livros á antiga, amator e escrituração comercial Copiadores, caixas e pastas para arquivo Armam-se pastas de fantasia e bordadas Envernizam-se mapas

T. de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELÉM 517

A VENCEDORA

MERCEARIA, CARVOARIA E VINHOS

DE

Alberto Ribeiro de Carvalho

Optima especialidade em vinhos das regiões de Arruda e Samouco, recebidos directamente do lavrador. Vinhos palheto, verde, licôres e seus derivados. Completo sortido em generos de mercearia.

FORNECIMENTO DIRECTO AOS DOMICILIOS

Rua da Torre, 4 a 10 (Ajuda)

Sucursal: Calçada da Tapada, 106 e 108 (Alto Santo Amaro)

≡ SALÃO ≡

PORTUGAL

Travessa da Memória - Ajuda

Dias 28 e 29 — A grandiosa super-produção **A PARADA DOS MONSTROS**, e **SEVILHA DOS MEUS AMORES**, com Ramon Novarro.

Dia 30 — **O ultimo homem sobre a terra**, hilariante comédia com Raul Roulien, e o filme de aventuras **O Vale da Surpreza**, com George O' Brien.

Dia 1 — **Caçá-los vivos**, super-produção da Africa selvagem, e **Amigos ou rivais**, com Lily Damita e A. Menjou.

Dia 2 — **Ave do Paraíso**, com Dolores Del Rio, **O Crime da Mão Negra**, **Charlot na Rua da Paz** e **Os bonecos divertem-se**.

Dias 3, 4 e 5 — **A Tentação de Pamplins**, 1ª grande estrea da época, e **Romance**, com Greta Garbo.

Dia 6 — **Venus loira**, 2ª grande estrela da temporada, com Marlene Dietrich, e **Mulheres suspeitas**.

Dia 8 — **O fidalgo ladrão**, Filme policial, com Richard Dix, e **O presidio diverte-se**.

Dia 9 — **Uma alma livre**, super-filme com Norma Shearer, e **Melodia Cubana**, com Lawrence Tibet.

TELEF. B. 99 ≡ CINEMA ≡

PALATINO

R. Filinto Elisio (Alto de Santo Amaro)

Dias 28 e 29 — O comovente drama **TESTEMUNHO INESPERADO**, o filme de aventuras **O SALTO DECISIVO**, com George O' Brien, e **Charlot no B.nco**,

Dia 30 — O filme da espionagem **A Frente Invisivel**, e a excelente comedia **Minha mulher não quer filhos**

Dia 1 — O comovente drama da adolescencia **Almas da Rua** e a super produção **Chandu, o fakir**.

Dia 2 — **A Grande Parada**, super-produção sonora, e a hilariante comedia **O príncipe do dolar**, com C Chase.

Dias 4 e 5 — **A Vénus loira**, com Marlène Dietrich e **Mulheres suspeitas**, com Mirian Hopkins.

Dia 6 — **Mãos culpadas**, filme dramatico, com Lionel Barrymore e Kay Francis, e a super-produção de aventuras **A ilha misteriosa**.

Dia 8 — GRANDIOSO ESPECTACULO SURPREZA.

Dia 9 — A excelentes super-produções **Enfermeiras de guerra** e **Pamplins milionário**.

NOS DOIS CINEMAS

Dia 29 — *Matinée às 3 horas da tarde, exibindo-se, entre outros filmes, a super-produção sonora de aventuras em 2 jornadas* **Aventuras de Bufalo Bill**. Dia 5, em *matinée, às 15 horas, as super-produções* **O Barqueiro do Volga** e **A Vingança de Tarzan**

A SEGUIR

Filmes já marcados para os dois Cinemas: *As duas orfãs, Mil e duas noites* e toda a produção da importante firma Castelo Lopes; *O Rei da Selva, Beijos para todas*, com Chevalier. *Se eu tivesse um milhão* e todas as melhores super-produções Paramount; *Sinal de alarme, Ultima acusação* e todas as melhores super-produções R K O, e as melhores produções de todas as casas distribuidoras.

CAPITÃO AURELIO FREITAS

Faleceu no passado dia 18 o desditoso oficial do nosso exército, Sr. Aurelio Freitas. O seu funeral, constituiu uma sentida manifestação de pesar, devido ás belas qualidades do extinto. «O Comércio da Ajuda», que se fez representar, apresenta á familia enlutada a expressão do seu mais profundo pesar.

Dr. Melo Breyner

Faleceu na passada terça-feira, o Dr. Tomás de Melo Breyner, por quem tinhamos a maior admiração. Figura muito curiosa a quem todos olhavam com grande simpatia, foi durante bastante tempo, médico da familia real, nunca se tendo esquecido dos humildes, apesar da sua elevada posição na corte. Vezes sem conto, abandonou festas de grande pompa, para acudir com urgência a doentes pobres, a quem na maioria dos casos, não cobrava os seus honorários.

Espírito desmpeirado, que muito se confrangia com as desgraças

alheias e que só pensava em praticar o bem.

Era assim o Dr. Melo Breyner, que acaba de desaparecer para todo o sempre, deixando mergulhados em intensa dor, grande número de pessoas de todas as categorias sociais, que tinham nele um verdadeiro amigo.

António Vieira

Após doloroso sofrimento, que durou 13 anos, faleceu no passado dia 19, com 77 anos de idade, sepultando-se no dia seguinte, no cemitério da Ajuda, o Sr. António Vieira, funcionário aposentado dos correios e sogro do nosso amigo e colaborador Sr. Roberto Rodrigues, também funcionário dos correios.

A' familia enlutada enviamos os nossos sentidos pezames.

FELISBERTO D. CALDAS

A morte acaba de nos roubar mais um amigo querido. Quando nos participaram o falecimento de Felisberto Caldas, não queriamos acreditar, tam espantosa achavamos a noticia. Era infelizmente verdade. O nosso amigo

e colega havia falecido subitamente, após se ter levantado da cama e quando se preparava para sair de casa, a caminho da Imprensa Nacional, onde empregava a sua actividade de artista gráfico, de grande valor.

Com a sua morte, perdeu aquele modelar estabelecimento do Estado, um grande colaborador e nós, que por êle nutriamos uma grande amizade, um amigo dedicado.

Quási todo o pessoal da I. N., se encorporou no funeral, notando-se em todos os rostos, a maior amargura.

O cadáver, ficou sepultado no talhão dos combatentes.

O nosso jornal, que alguns serviços lhe ficou devendo, apresenta a sua familia, a expressão sincera das suas condolências.

BAIRRO ECONOMICO DA AJUDA

Segundo informações de fonte segura, não é inaugurado amanhã, como os jornais diários noticiaram, a abertura do Bairro Económico da Ajuda, nem se sabe, ainda, quando a inauguração terá lugar.

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA

Géneros alimenticios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda) - LISBOA Telef. B. 496